

AVENIDAS NOVAS

JUNTA de FREGUESIA
Edição: #07.....
Agosto 2021.....
Distribuição gratuita.....

PROXIMIDADE E SOLIDARIEDADE



Em ano de pandemia, contas sólidas
sem deixar ninguém para trás

Melhores jardins e espaços verdes
a pensar no futuro de todos

EXE CUTI VO.



Ana Gaspar.
Presidente

Pelouros: Associativismo;
Comunicação; Cultura; Educação;
Gabinete Jurídico; Saúde;
Transparência.



Dora Albuquerque.
Vogal

Pelouros: Ambiente; Espaço
Público; Mobilidade; Urbanismo.



Gonçalo Moita.
Vogal

Pelouros: Intervenção Social.



Jorge d'Almeida.
Vogal

Pelouros: Desporto;
Participação Cidadã.



José Athayde.
Secretário



José Escarameia.
Tesoureiro

Pelouros: Aproveitamento e
Contratação Pública; Finanças;
Património; Recursos Humanos;
Secretaria-Geral.



Venâncio Rosa.
Vogal

Pelouros: Equipamentos;
Higiene Urbana; Licenciamentos;
Proteção Civil.

ÍNDICE.

- 03. Editorial
- 04. Policiamento Comunitário
- 06. Ruas seguras
- 07. Segurança pública
- 08. Higiene urbana
- 10. Espaços verdes e espaço público
- 12. Renovação de jardins
- 14. Transportes
- 16. Entrevista a José Escarameia
- 19. Compras na rua
- 20. A Voz da Vizinha: Maria Alina Fernandes
- 22. Lojas de Bairro - Dona Aida
- 23. Junta apoia restauração
- 24. Programa de verão e CAF
- 25. Apoio aos seniores
- 26. Entrevista a Maria Elisa
- 30. Novas das Avenidas
- 31. Contactos úteis

FICHA TÉCNICA.

DIREÇÃO: **Ana Gaspar**
COORDENAÇÃO EDITORIAL: **Nuno Azinheira**
REDAÇÃO: **Frederico Sacramento**
FOTOGRAFIA: **Pedro Sá Machado**

GABINETE DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO GERAL: **André Azevedo**

PROPRIEDADE: **Junta de Freguesia de Avenidas Novas**
Avenida de Berna 1, 1050-036 Lisboa
219 363 060
www.jf-avenidasnovas.pt
geral@jf-avenidasnovas.pt

EDIÇÃO Nº 05 - **AGOSTO 2021**
TIRAGEM: **20.000 exemplares**
PERIODICIDADE BIMESTRAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DEPÓSITO LEGAL: **373515/14**

É expressamente proibida a reprodução dos presentes conteúdos sem a autorização da Junta de Freguesia de Avenidas Novas. Todos os direitos reservados.



JUNTA de
FREGUESIA
**AVENIDAS
NOVAS**

EDI TO RIAL.

Dever cumprido

Caros Vizinhos e Vizinhas, agora que estou a concluir um mandato na presidência da Junta de Avenidas Novas, eu e o meu Executivo sentimos um grande orgulho pelo serviço prestado à nossa Freguesia. Defendemos sempre os interesses e os anseios dos nossos Fregueses, com a contribuição democrática de todos os eleitos e com a abnegação dos funcionários da Junta, a quem, desde já, muito agradeço.

O serviço público é sempre um desafio, mas tínhamos um projeto bem delineado e fizemos compromissos para o concretizar. Esta Junta - como todos os cidadãos e entidades - foi surpreendida pelo impacto sanitário e social do novo coronavírus. Desenhámos de imediato um plano para a pandemia e pusemo-lo em prática com a informação disponível a cada momento, seguindo as determinações das autoridades competentes. Respondemos às situações mais urgentes e, em articulação com o Município, iniciámos, entre outras ações, a distribuição de quinhentos kits-refeição diários à população mais vulnerável, processo que se mantém. Fomentámos o comércio local: em concertação com a CML, isentámos os comerciantes das taxas de ocupação do espaço público até dezembro de 2021. Além disso, promovemos a vacinação contra a covid-19 e disponibilizámos funcionários para colaborar no processo.

A pandemia não imobilizou a Junta de Freguesia. Continuámos a trabalhar no espaço público - com destaque para o pessoal da higiene urbana, que numa fase em que havia pouca informação sobre a pandemia, esteve na linha da frente, efetuando a desinfecção dos locais mais utilizados pela população.



E, mesmo com a obrigatoriedade de separar equipas para evitar o contágio, prosseguimos a intervenção em todas as áreas, recorrendo à contratação de pessoal e à aquisição de equipamentos.

Demos igualmente sequência aos projetos de reabilitação de parques, jardins e praças. E continuámos a trabalhar para aumentar a segurança na Freguesia. Cedemos uma viatura elétrica à PSP, aproximando-a dos nossos Fregueses, e pusemos em prática no Bairro Santos o Policiamento Comunitário. Não esquecendo as diligências junto do poder central para trazer de volta a esquadra que, em 2016, antes de chegarmos ao Executivo, outros não foram capazes de manter na nossa Freguesia.

Não obstante tudo isto, e apesar da quebra de receitas de licenciamento e de outras, como as decorrentes do encerramento dos equipamentos desportivos, mantivemos uma solidez financeira que nos dá um sentimento de otimismo. É claro que nada disto podia ter sido feito sem vós. Obrigada! Fazer futuro é isto e contamos com todos.

Ana Gaspar



POLICIAMENTO COMUNITÁRIO

Eles são os novos rostos da segurança no Bairro Santos ao Rego

Modelo inovador e internacionalmente reconhecido com uma boa prática de segurança, o Policiamento Comunitário inclui a participação da comunidade local. No Bairro Santos, dois agentes começaram, em julho, a zelar pela tranquilidade de moradores e comerciantes. A Junta quer estender a medida a outras zonas da Freguesia, após avaliação deste processo.

Se vive no Bairro Santos, provavelmente já encontrou os dois efetivos da Polícia Municipal que fazem o Policiamento Comunitário na sua zona. Os agentes principais Emília Oliveira e Pedro Félix são os rostos do Grupo de Segurança do Bairro Santos ao

Rego, que resulta de um profícuo trabalho da Junta de Freguesia de Avenidas Novas, da Polícia Municipal, da PSP e da Câmara de Lisboa, com o apoio da Gebalis, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa, bem como dos parceiros locais, designadamente a ADAS-BR, a ANADIC e a Rotas do Bairro E7G.

“Todas estas entidades, conhecedoras das realidades do Bairro Santos ao Rego, cooperam para pôr em prática um modelo de policiamento com provas dadas tanto em Lisboa como noutros países”, afirma a presidente da Junta de Freguesia, Ana Gaspar. A responsável máxima pela autarquia acrescenta que “os agentes estão bem informados sobre o contexto social, cultural e histórico do bairro e, com a sua presença diária, criam laços de confiança com a comunidade, de forma a aumentar a segurança neste bairro das Avenidas Novas pelo qual temos muito carinho.”

Os agentes Emília Oliveira e Pedro Félix sabem bem o seu objetivo. “O nosso trabalho no terreno é sinalizar os problemas dos cidadãos e encaminhá-los para as entidades competentes, bem como criar um relacionamento de confiança entre a polícia e a



comunidade.” No fundo, os dois agentes querem “uma aproximação maior à população, criar laços e conseguir uma maior sensibilização para dar segurança a todo o bairro”.

E, apesar do pouco tempo decorrido, já há quem reconheça os agentes. “Eles estão cá há muito poucos dias, mas pelo menos sempre se vão deixando ver, e isso ajuda-nos um pouco. Sempre nos sentimos mais seguras, não é?”, afirma Lurdes, moradora no bairro. Um outro residente, João, acredita que a medida pode ser positiva. “Eu ainda não os vi, mas sei que eles já estão aqui no bairro. Acho que pode ser bom. Tudo o que seja para nos ajudar, é bom”, considera.

O novo policiamento comunitário começou finalmente em julho, depois de várias reuniões entre a presidente Ana Gaspar e as autoridades de segurança de Lisboa, iniciadas ainda antes da chegada do coronavírus e que a pandemia acabou por atrasar. Este processo, que começou com a solicitação da presidente Ana Gaspar ao vereador da Câmara Municipal para a segurança, Miguel Gaspar, vai prosseguir. Para esse efeito, a Junta de Freguesia mantém conversações com os comandos da Polícia Municipal e da Polícia de Segurança Pública, a fim de pôr em prática este modelo noutras zonas.

“As estatísticas oficiais dizem que nas Avenidas Novas a criminalidade não aumentou, mas é certo que, como acontece nas grandes cidades, a perceção de insegurança por parte de Fregueses existe e merece sempre natural atenção da nossa parte. Viver aqui ajuda, creio”, afirma a presidente da Junta.





RUAS SEGURAS

Junta compra viatura elétrica e cede-a à PSP para reforçar segurança na Freguesia

A cedência de uma viatura elétrica à PSP é mais uma das medidas que a sua Junta de Freguesia tomou para aumentar a segurança nas Avenidas Novas.

A melhoria da segurança pública é um dos anseios dos Fregueses e, conseqüentemente, é uma prioridade do presente Executivo. A desativação da esquadra existente na nossa Freguesia, em 2016, ainda antes da entrada em funções deste executivo, favoreceu um sentimento de insegurança na população e, enquanto prosseguem as reuniões com vista a um regresso da esquadra ao nosso território - tanto com o Secretário de Estado Adjun-

to e da Administração Interna, Antero Luís, como com o Comando Metropolitano de Lisboa da PSP - a Junta tem procurado encontrar outras soluções.

Uma das vias encontradas foi a aquisição de uma viatura elétrica e a sua cedência, em regime de comodato (empréstimo), à Polícia de Segurança Pública para patrulhamento das Avenidas Novas. O objetivo é dar mais presença e visibilidade àquela força na nossa Freguesia, criando condições de dissuasão da incivilidade e da criminalidade.

A opção por uma viatura elétrica para este policiamento de proximidade minimiza a pegada carbónica e contribui para a sustentabilidade ambiental da Freguesia. O vogal Venâncio Rosa, que tem estado diretamente envolvido nos processos relativos à segurança pública, é categórico: **“Trata-se de um carro com zero emissões e grande economia tanto no consumo de energia como na sua manutenção. Este carro-patrulha, que pertence à Junta de Freguesia e está em operação desde 2020, proporciona aos agentes no terreno uma resposta mais rápida às ocorrências e, logo, maior segurança na Freguesia.”**



SEGURANÇA PÚBLICA

Ana Gaspar insiste com Governo para o regresso de esquadra às Avenidas Novas

A presidente da Junta de Freguesia quer fazer regressar às Avenidas Novas a esquadra da PSP encerrada em 2016, antes da chegada deste Executivo. Ao longo do mandato manteve-se um diálogo para concretizar este desejo da nossa população com o MAI e com o COMETLIS.

O contacto mais recente foi com o Secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna, Antero Luís. Na sequência de outros dois encontros, Ana Gaspar e o vogal José Escameia reuniram por videoconferência com o governante.

Em cima da mesa voltou a estar o anseio legítimo dos Fregueses das Avenidas Novas da reposição de uma esquadra no nosso território, dado que a

31ª Esquadra, que serve a Freguesia, está localizada na Penha de França. Antero Luís apresentou um relatório da PSP apontando para o facto de a criminalidade na Freguesia não ter crescido no último ano. A presidente da Junta lembrou que, com o confinamento, não seria de esperar que a criminalidade tivesse crescido, contudo, citando o caso de Barcelona e de outras cidades europeias, Antero Luís reforçou a ideia de que não necessitamos de mais esquadras, mas sim de mais polícia nas ruas.

Porém, a realidade é que há relatos de insegurança por parte de Fregueses e debateu-se a possibilidade de a PSP se aproximar mais das Avenidas Novas. **Neste contexto, e dado que a Junta dispõe de um orçamento sólido, a presidente Ana Gaspar propôs a disponibilização, em regime de comodato, de uma outra viatura à PSP, opção que também será estudada, para além da hipótese de um policiamento de maior proximidade com a permanência de dois agentes em local a designar.** O Secretário de Estado Adjunto informou que a questão está a ser estudada e que, após as eleições autárquicas, reunirá com o Presidente eleito para aferir a situação das esquadras na cidade de Lisboa - um trabalho que envolve o MAI, a CML e as juntas de freguesia.



HIGIENE URBANA

Junta investiu 600 mil euros para melhorar limpeza das ruas

A Higiene Urbana é uma área central da ação da Junta de Freguesia de Avenidas Novas. Numa freguesia tão povoada como a nossa, com residentes, visitantes e trabalhadores em constante movimento, há sempre muito a fazer, mas o investimento em equipamento, recursos e tempo cresceu exponencialmente nos últimos anos.

Sabia que diariamente, os cantoneiros e técnicos da Junta de Freguesia de Avenidas Novas recolhem cerca de 6 metros cúbicos de resíduos provenientes do esvaziamento das 800 papeleiras do nosso território? E tem ideia de quanto representa este valor? 6 metros cúbicos de lixo seriam suficientes

para encher 25 contentores de 240 litros. Isto só num dia!

“As pessoas não têm ideia, e é natural que não tenham, mas assegurar a higiene urbana de uma freguesia como Avenidas Novas é um trabalho de grande dimensão. Não só porque o território é grande, como uma grande parte da Freguesia recebe diariamente muitos milhares de pessoas que aqui trabalham e que se juntam aos que cá residem”, explica o vogal com o pelouro da Higiene Urbana.

Venâncio Rosa acrescenta que toda a ajuda dos cidadãos é fundamental. “Quando pedimos às pessoas que nos ajudem a manter a Freguesia limpa, não estamos a sacudir a água do capote, nem a demitirmo-nos das nossas funções. Estamos apenas a reforçar que esta preocupação tem de ser de todos. Se cada um fizer a sua parte, e não deitar lixo para o chão, se recolher o dejetos do seu cão, se depositar a sua máscara usada nos locais próprios, se não atirar a beata do cigarro para o chão, e tantas outras coisas, tudo será mais fácil”.

Os números dão razão ao responsável. **Diariamente,**

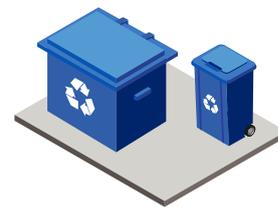
ao efetuar a varredura, os funcionários da Junta de Freguesia recolhem cerca de 18 metros cúbicos de lixo, o que chegaria para encher 75 contentores de 240 litros. É muito lixo, de facto.

E no que toca à limpeza das ruas e avenidas da Freguesia, um assunto sensível que merece sempre alertas e naturais chamadas de atenção dos Fregueses, muito tem sido feito. “Nós estamos sempre atentos às queixas e sugestões dos vizinhos. São também elas que nos fazem melhorar e, por vezes, retificar procedimentos”, sublinha o responsável, que acrescenta “todos os dias saem para a rua cerca de 25 a 30 carrinhos de varredura entre os dois postos de limpeza da Freguesia”, situados em São Sebastião da Pedreira e na Rua Filipe da Mata. E depois da varredura vem a lavagem das ruas. “Por dia, usamos 108 metros cúbicos de água para lavar as ruas da Freguesia. Mas essa lavagem é feita por áreas e, muitas vezes, uma rua inteira pode ser dividida por dias diferentes. Nem sempre os moradores percebem isso. Alguns queixam-se que o seu quarteirão não foi lavado, mas isso é mesmo assim. Não foi hoje, mas é amanhã, porque as nossas equipas têm um planeamento criterioso que seguem à risca”, revela Venâncio Rosa.

Nos últimos anos, a Junta investiu muito nesta atividade essencial. “Houve necessidade de reforçar o contingente de funcionários, até por causa da pandemia”. Neste momento, estão ao serviço da Higiene Urbana da Junta 73 funcionários. “Também foi preciso reforçar os equipamentos e os meios colocados à disposição da Higiene Urbana. Quando aqui chegámos, em 2017, deparámo-nos com uma grande insuficiência de equipamentos para fazer face aos problemas de higiene do nosso território”, sublinha o vogal do executivo. Hoje, na Freguesia operam sete meios mecânicos: duas varredoras, três viaturas de apoio e dois triciclos (Noddys). “Ao longo deste mandato, o investimento em equipamentos e viaturas foi de cerca de 600 mil euros”. Metade desse custo foi absorvido pela aquisição das duas varredoras mecânicas.

800

Papeleiras na freguesia



6.000 Lts.

Lixo recolhido das papeleiras



18.000 Lts.

Lixo varrido do chão



108 m³

Água para lavar as ruas



73

Funcionários



600.000 €

Investidos em equipamentos





ESPAÇOS VERDES E ESPAÇO PÚBLICO

Junta recupera mais de 10 mil m² de jardins e zonas ajardinadas

Quem controla o trabalho que diariamente é feito pela Junta de Freguesia? Os moradores das Avenidas Novas. É um trabalho de sapa, de pequenos passos, mas que tem frutos visíveis todos os dias. Agora que o confinamento acabou, é importante que saiba o que temos andado a fazer pelo espaço que é de todos nós...

Freguesia central da cidade de Lisboa, as Avenidas Novas são um território de confluência de eixos rodoviários e ferroviários centrais e paragem obrigatória para dezenas de milhares de cidadãos que fazem deste território passagem ou destino final da sua atividade laboral. É por essa razão que a Junta de Freguesia de Avenidas Novas tem apos-

tado fortemente na valorização do espaço público, através das operações de gestão e de manutenção, e no trabalho “para a promoção da acessibilidade, da segurança e do conforto de todos os que cá habitam ou trabalham”, defende a vogal com os pelouros do Espaço Público, Ambiente, Urbanismo e Mobilidade.

“Uma das nossas grandes prioridades é garantir a segurança e o conforto no espaço público, principalmente ao nível das zonas de circulação pedonal”, conta à nossa revista Dora Albuquerque, que acrescenta que “este não é um trabalho fácil, pois a calçada portuguesa necessita de muita manutenção”. “Muitas vezes, os vizinhos nem se apercebem, mas esse trabalho de formiguinha é fundamental”, sublinha.

A recuperação dos passeios é uma das principais preocupações, uma vez que “a Freguesia tem muita população idosa e com mobilidade reduzida”. Desde 2018, os técnicos da Junta já fizeram 1.200 intervenções de reparação de zonas de passeio. Nos últimos dois anos, através de um Contrato de Delegação de Competências (CDC) estabelecido com a Câmara de Lisboa, a Junta recuperou

1.810 metros quadrados de pavimento em zona pedonal, danificado por interferência das raízes das árvores. Nesta empreitada foram intervencionadas 303 caldeiras de árvores. “A esta melhoria no espaço público acresce a erradicação de 2.300 pilaretes em cimento, colocados há mais de 20 anos, que provocavam muitas quedas, das quais também eu fui vítima”, conta.

O mobiliário urbano é outra preocupação do executivo. “Em 2018 fizemos um inventário exaustivo de todo o equipamento que estava deteriorado ou vandalizado”, prossegue a vogal. Resultado: 171 bancos foram intervencionados na via pública.

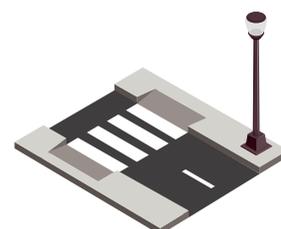
Nas Avenidas Novas, nesta altura, “há 13 espaços de jogo e recreio e seis parques de fitness com gestão da Junta de Freguesia”, nota Dora Albuquerque. “Também aqui houve muito trabalho. Entre o ano passado e este ano, criámos um parque infantil totalmente novo com três equipamentos e pavimento em borracha (Mário Cesariny, em Entrecampos), um equipamento totalmente novo na escola Mestre Arnaldo Louro de Almeida (Bairro Santos), substituímos o pavimento de borracha no parque infantil do jardim Amélia Carvalheira (em processo de recuperação), tal como construímos vedação e reparámos o pavimento do espaço de recreio da área ajardinada da Duque d’Ávila, só para citar alguns”, enumera. A intervenção de requalificação do Jardim Marquês de Marialva, no Campo Pequeno, que terá um parque infantil inclusivo, bem como do Jardim Gomes de Amorim, fronteiro à Casa da Moeda, é uma aposta na qualidade de vida.

Recuperar jardins e áreas ajardinadas da Freguesia é outra das apostas. “Temos procurado adaptar estes espaços aos usos atuais, de modo a melhor corresponderem às necessidades da população”, afirma Dora Albuquerque. Entre projetos concluídos e em marcha, o Executivo está a recuperar mais de dez mil metros quadrados, ao serviço da população. Quanto à manutenção diária, cuja gestão é da competência da Junta, ela é feita em três dezenas de espaços, somando cerca de 80 mil metros quadrados.

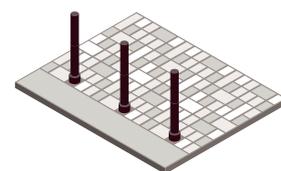
Essa manutenção é feita, por exemplo, ao nível das podas e limpeza de ramos secos do arvoredo (mais

de 3.100 nos últimos anos), do tratamento por endoterapia (mais de 2.400 exemplares) ou ainda na intervenção nas caldeiras das árvores para deservagem e revolvimento (cerca de 4 mil operações).

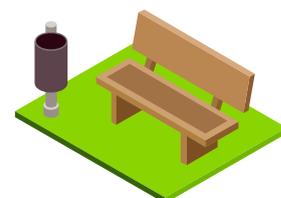
+3.000 m²
Pavimento recuperado



1.229
Passeios recuperados



171
Bancos recuperados



80.000 m²
Jardins e áreas verdes mantidas



3.100
Árvores podadas





RENOVAÇÃO DE JARDINS

Mais segurança, mais conforto e um parque canino no Campo Pequeno

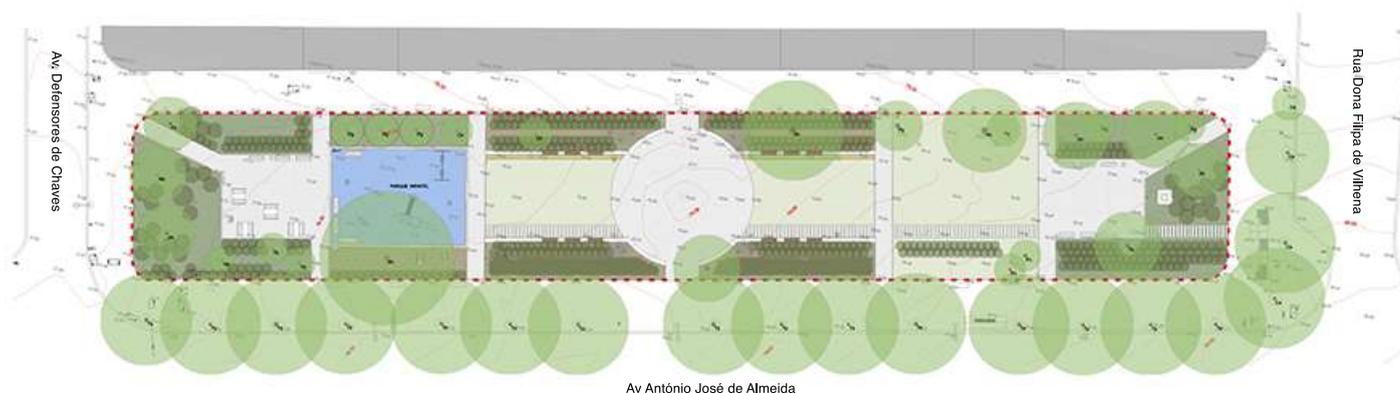
Depois da renovação dos espaços ajardinados da Avenida Conde Valbom e da Rua Eugénio dos Santos, assim como da reconversão do Jardim Amélia Carvalheira, que está em finalização, seguem-se mais duas intervenções da Junta de Freguesia ao abrigo dos Contratos de Delegação de Competências assinados com a Câmara Municipal.

O Jardim Gomes de Amorim, em frente à Casa da Moeda, na Avenida António José de Almeida, está em obras desde o passado mês de maio. Bastante utilizado por público de todas as idades, o jardim, que tem uma área total de 2.600 metros quadrados e inclui um parque infantil, é frequentado por

famílias que aproveitam o parque infantil, fregueses a passear os seus cães, população mais idosa aproveitando a sombra das árvores ou jovens estudantes que ali se juntam diariamente. Apesar de o parque infantil ter sido reabilitado em 2016, o jardim precisava de uma forte intervenção, porque é um dos mais frequentados da Freguesia, uma vez que está numa zona residencial e tem muita sombra.

O encerramento do parque, comunicado pela Junta aos moradores, provocou alguma apreensão aos seus utilizadores, que prefeririam uma renovação faseada, mas a decisão da Junta foi tomada tendo a segurança como principal preocupação. A obra é de grande dimensão e concluiu-se que a coabitação entre os utilizadores do parque e as máquinas não era segura. Esta decisão limita riscos e permite que a obra corra mais célere. A reabertura do Jardim Gomes de Amorim está prevista para o final do verão.

Isabel Paulo, moradora na Defensores de Chaves, reconhece que “no início”, foi uma vizinha que ficou “apreensiva” com o encerramento do jardim. “Vinha aqui todos os dias à tardinha com o meu neto, para



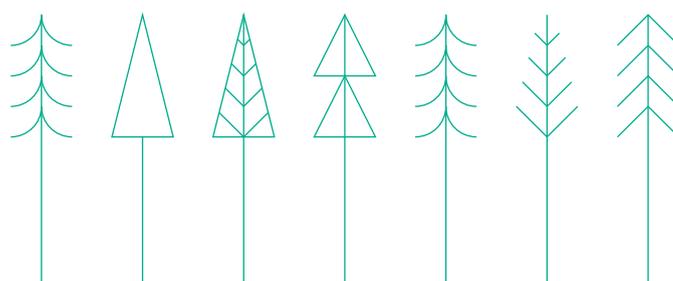
ele brincar no parque. Passamos aqui uma horinha, mais ou menos”, conta à nossa reportagem. Depois da explicação da Junta, Isabel reconhece que “talvez seja melhor”. “Pensando bem, estar aqui com o barulho das máquinas, e a poeira dos buracos, com o pavimento removido, era capaz de não ser muito agradável, já para não falar da segurança”, afirma, acrescentando que “é aborrecido”, mas “é preferível que a obra decorra mais depressa, mas ao menos não há problemas”.

E o que está a acontecer ali? Está a ser recuperada uma praça central, à semelhança do original, de onde partirão os caminhos que atravessam o jardim. Os bancos existentes serão recuperados e relocados na praça central, prevendo-se a sua distribuição por zonas de sol e sombra em torno desta praça, mantendo livre o eixo central longitudinal relvado. Nas duas extremidades do jardim, nas “praças” localizadas junto às entradas pela Av. Defensores de Chaves e pela Rua Filipa de Vilhena, serão instalados bancos e mesas de madeira, de utilização livre, pensadas, essencialmente, para dar condições à população mais idosa e para quem queira ali conviver.

Já o parque infantil será aproveitado na sua totalidade e será aumentado o número de aparelhos de

fitness, adequados para todas as idades. Mais relva e novas zonas de arbustos completam o renovado jardim, que, naturalmente, manterá as árvores de grande porte tão do agrado de todos.

Em realização estão também as obras de requalificação do Jardim Marquês de Marialva, que circunda a Praça de Touros, e que desde 2007 não sofria qualquer obra de beneficiação. **Melhoramento das áreas ajardinadas, sementeira de relvado e novos arbustos, substituição do pavimento existente por um pavimento ecológico, resistente e de longa duração, recuperação dos bancos de madeira e colocação de novos, e a criação de um parque canino de cerca de 460 metros quadrados junto ao campo de jogos são as melhorias a introduzir no Jardim Marquês de Marialva, muito procurado por famílias, residentes e moradores a passear os seus cães, além dos clientes dos espaços comerciais e de restauração.**





TRANSPORTES

52B: é este o número da nova Carreira de Bairro das Avenidas Novas

Após um trabalho concertado da Carris e do executivo de Ana Gaspar, a Freguesia de Avenidas Novas passa a contar com a sua Carreira de Bairro, mais uma forma de ligar as várias zonas da Freguesia.

Funcionando nos dias úteis das 7h30 às 20h30 e ao fim de semana das 7h40 às 20h20, a carreira 52B tem um percurso circular, definido em estreita colaboração com a Junta, que cria ligações de proximidade com as infraestruturas mais importantes da Freguesia. Para utilizar a carreira de bairro basta ter um título ou um passe válido da Carris, ou então adquirir o passe Carreiras de Bairro, exclusivo para estas carreiras, que custa 10€ e é válido por 30 dias.

O objetivo do projeto Carreiras de Bairro é adequar a oferta de transporte público às zonas habitacionais, criando complementaridade com a rede da Carris e com outras redes de transportes como o Metro ou o comboio. Dora Albuquerque, vogal responsável pela Mobilidade, refere a importância da carreira 52B: “Para esta Junta de Freguesia, é fundamental que a mobilidade para todos seja uma realidade. Aliás, esta é uma matéria que vai além da mobilidade - é uma questão de inclusão, de permitir que a população sénior, os jovens ou as comunidades mais vulneráveis tenham acesso aos centros de saúde, às escolas, aos mercados e a outros transportes, por exemplo.” E acrescenta: “Além disso, não é por acaso que promovemos a mobilidade suave e a utilização dos transportes públicos. São hábitos que contribuem para a sustentabilidade ambiental das cidades, o que se torna cada vez mais importante face às alterações climáticas. Estas novas práticas são decisivas.”

O autocarro 52B liga, entre outras zonas, Bairro Santos, Av. de Berna, Campo Pequeno, Av. Defensores de Chaves, Av. Miguel Bombarda, R. Marquês da Fronteira, Av. António Augusto de Aguiar, Av. José Malhoa e Sete Rios. Com esta carreira, os



utentes passam a ter acesso direto a uma série de serviços da Freguesia para além dos já referidos, designadamente hospitais, farmácias, correios, áreas comerciais, jardins, parques infantis, instalações desportivas ou a própria sede da Junta.

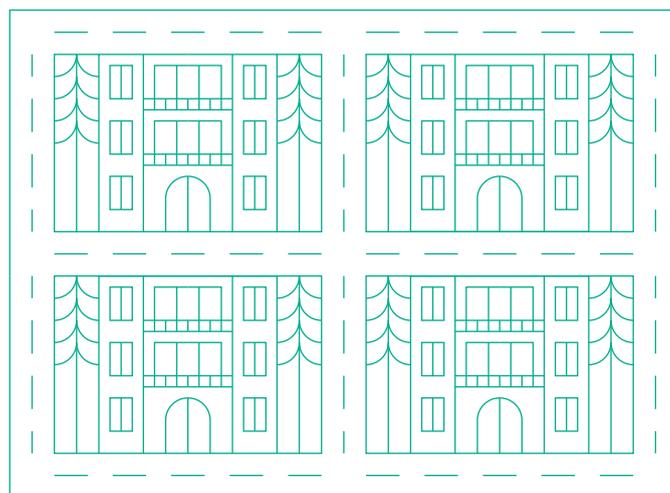
“Isto dá muito jeito, não haja dúvidas. É mais uma forma de quem não tem carro poder ir tratar das suas coisinhas aqui ao pé de casa”, afirma Fernanda Gomes, 65 anos, moradora junto à Avenida Marquês da Fronteira, e que veio à Avenida da República levantar uns exames. A vizinha fala à nossa reportagem, enquanto espera pela passagem do 52B na paragem do Campo Pequeno.

Também Ana Maria, moradora no Bairro Santos ao Rego, se diz satisfeita com a novidade. “É muito bom, já devia haver há mais tempo. É prático, rápido e parece que estamos mais próximos do centro da Freguesia”, conta.

Luísa é empregada doméstica e trabalha em casa de três clientes. “De manhã estou numa casa ao pé do Corte Inglés, à tarde estou em Sete Rios e à sexta-feira ainda vou ajudar uma senhora que mora na Avenida de Berna. Muitas vezes fazia isto tudo a pé, mas as minhas pernas já não são o que eram”, brinca a trabalhadora, com 59 anos e residente nos

Olivais. “Agora quando vou para Sete Rios vou sempre nesta carrinha”, explicou enquanto aguardava pela passagem do miniautocarro na paragem da Avenida António Augusto de Aguiar.

As Carreiras de Bairro foram lançadas pela Carris em 2017. As novas linhas, pensadas em conjunto com as juntas de freguesia, aproximam os utentes dos serviços e de outros meios de transporte. Com o lançamento da 52B, das Avenidas Novas, e a 19B, do Campo Mártires da Pátria, já são 22 as Carreiras de Bairro a funcionar em Lisboa.





ENTREVISTA A JOSÉ ESCARAMEIA

“A situação financeira da Junta é sólida.”

A inédita pandemia de Covid-19, que há mais de um ano e meio mudou as nossas vidas e finanças, teve impacto nas contas da Junta de Freguesia de Avenidas Novas. Em entrevista, o vogal com o pelouro das Finanças, contabiliza a quebra de receitas e o aumento da despesa, consequência dos tempos excecionais que vivemos. Mas José Escarameia diz-se “moderadamente otimista”. Até porque, a poupança criada antes da crise permitiu atenuar as dificuldades.

Estamos a viver uma pandemia sem precedentes à escala global. A Covid-19 delapidou receitas e aumentou custos sociais. Foi assim em todo o Mundo. Qual o impacto nas contas da Junta de Freguesia de Avenidas Novas?

Nestes dois últimos anos, as receitas correntes foram

seriamente afetadas pela crise sanitária. Por força da isenção das taxas das esplanadas - no nosso caso, decidido até dezembro de 2021 - e do encerramento de toda a área desportiva, recomendados pelas autoridades competentes, registámos no ano 2020 uma quebra nas receitas correntes de 620 mil euros. Tivemos também que acomodar um custo adicional associado à Covid-19 no valor de 106 mil euros.

O que está incluído nesse aumento de custos?

Nesta verba estão incluídos equipamentos de proteção, desinfetantes e outros materiais sanitários, bem como a aquisição de material informático para tornar possível o teletrabalho, que, como se sabe, se tornou obrigatório. Em termos de gestão, foram tomadas as medidas que nos pareceram mais acertadas, adquirindo tudo o que foi julgado conveniente para proteger os trabalhadores e organizar as tarefas de molde a minimizar os contágios, nomeadamente nas equipas da Higiene Urbana. É um trabalho penoso, insalubre, ao qual não se poderia juntar ainda o risco de contágio. Preventivamente, recrutámos também trabalhadores para reforçar essas equipas.

Portanto, toda esta pandemia resultou numa redução da receita e no aumento da despesa...

Claro, seria estranho que fosse de outra forma. Acho que ninguém perceberia se num contexto único como o que vivemos, tivesse sido possível aumentar lucros. Não foi assim em nossas casas, não foi assim nas empresas, nas autarquias e no governo central. Não foi só em Portugal, foi no Mundo inteiro. É preciso sermos sérios e creio que as pessoas percebem quando se fala verdade. Como se disse antes, em 2020, as contas da autarquia foram globalmente afetadas em 726 mil euros. Como tal, tivemos que racionalizar e conter alguns gastos. O resultado líquido do ano cifrou-se em menos 213 mil euros, conforme consta do relatório anual de Prestação de Contas. Pode concluir-se que o resultado foi bom, se atendermos às condicionantes antes referidas. Atente-se na comparação do ano 2020 versus 2017, ano em que não houve qualquer crise sanitária e em que este Executivo só entrou em funções em outubro. Nesse ano, o resultado líquido foi negativo em 329 mil euros.

Fazer orçamentos num contexto imprevisível como este não deve ser fácil. Como é possível equilibrar receitas e despesas num cenário pandémico?

Por definição, as receitas e as despesas do ano deverão ser iguais. É a regra do equilíbrio orçamental. Idealmente a instituição deveria arrecadar aquilo a que tem direito, nos termos da lei. Ao nível da despesa, numa execução orçamental modelar, o objetivo é atingir uma taxa de realização de 100%. Porém, na vida prática isso não acontece. Por exemplo, no ano de 2019 estávamos a cobrar acima do previsto, havia crescimento económico, havia mais esplanadas, mais atividade económica em geral. Nesse ano, dependíamos em cerca de 80% das remessas do Orçamento de Estado. Os restantes 20% provinham das nossas próprias receitas (do espaço público, dos anúncios, dos mercados e feiras, dos equipamentos desportivos etc.). Em 2020, o quadro mudou de forma significativa. Ficámos 95% dependentes do Orçamento de Estado e as nossas receitas próprias baixaram para os 5% residuais. Foi uma baixa muito significativa na nossa autonomia.

Quanto à despesa, num mundo ideal, teríamos gastado os 100% orçamentados. Mas por razões de

prudência financeira - se não estamos a arrecadar receitas a bom ritmo, não podemos continuar a gastar com a mesma cadência - tem de se moderar a despesa nas áreas que não sejam consideradas fundamentais.

Daí aquela almofada que explicou atrás e que permitiu amortecer a perda...

Exatamente. Talvez até possa ser acusado de prudência, mas sempre fiz gestão financeira ao longo da vida, tanto nas empresas como do ponto de vista pessoal, e, portanto, sempre entendi - e consegui passar essa ideia - que temos de ser cuidadosos e racionais e gastar na medida das necessidades, reservando sempre alguns meios para suprir qualquer situação imprevista, mais complicada ou mais grave. Porque isso acontece - às pessoas, às famílias, às instituições. Neste caso particular, ainda bem que estávamos prevenidos, porque isso deu-me sempre - a mim e à instituição - uma margem de segurança.

Portanto, está otimista para o resto do exercício.

Sim, moderadamente otimista. Ainda na última Assembleia de Freguesia, no final do primeiro semestre, afirmei que encaro com moderado otimismo financeiro a situação da Junta no final de 2021. Seja quem for que cá estiver, terá meios para gerir, sem sufoco financeiro. É a nossa visão e o nosso trabalho que o atestam!

Muitas vezes, e com razão, os Fregueses queixam-se da morosidade das intervenções de reabilitação do espaço público, mas as regras de transparência a que as instituições públicas estão obrigadas podem atrasar estes processos.

É verdade. Há uma lei fundamental (Decreto lei nº 111b/2017 de 31 de Agosto) que alterou e republicou o Código dos Contratos Públicos (CPP). Esta lei, que rege a contratação pública, é necessária e é importante. Regula as aquisições, impõe um conjunto de formalidades, que têm que ser cumpridas com rigor. Como se diz em Direito, "a lei é dura, mas é a lei". Claro que pode atrasar significativamente as compras. Para conviver com o rigor da lei, cabe aos decisores, conceber/pensar nos projetos, planear bem, com detalhe, tomando em conta os prazos legais a cumprir, de molde a desencadear os processos de compra em tempo útil. Acrescentar ainda que, como é lógico, quanto



maior é o valor do contrato, maiores e mais complexas são as exigências legais.

Mesmo assim, foi possível à Junta agir nestes tempos difíceis...

Numa situação destas, excepcional e de crise, é fundamental refletir e planear. Primeiramente, pensar bem, focar-se no mais importante, e de seguida agir depressa. Para lá da defesa dos nossos trabalhadores, foi preciso agir no lado social da crise. Procurámos responder às necessidades básicas dos Fregueses, e isso foi conseguido numa ação concertada com a Câmara. A intervenção foi muito relevante, foi decisiva, porque, desse modo, foi possível, e continua a sê-lo, garantir e apoiar todas as famílias que foram reconhecidas como vulneráveis e que, de facto, estavam carenciadas de ajuda. Tudo isso foi feito com critério, de uma forma organizada, sistemática, e continua a sê-lo. No que realmente importa, a contribuição da Junta foi muito positiva. Em resumo, julgo que fizemos o que é nosso dever - servir de forma empenhada.

Após ano e meio de crise sanitária e económica, como resume a situação financeira da Junta?

A situação financeira da Junta de Freguesia de Avenidas Novas é sólida. Qualquer freguês conhecedor destes temas, poderá chegar a estas

conclusões. Só por razões "eleitoralistas" se pode afirmar o contrário.

O BALANÇO DA JUNTA DE FREGUESIA EM 2017 E 2020

Entre 2017, ano em que a atual equipa chegou à liderança do Executivo da Freguesia de Avenidas Novas, e 2020, ano das últimas contas conhecidas, a situação financeira da Junta melhorou de forma significativa.

Ano	2017	2020
Total ativo	2 426	4 027
Património líquido	1 244	2 934
Bancos/liquidez	653	2 141

Valores em milhares de euros

Fonte: Relatório de Gestão e Contas de 2020

Pode consultar o Relatório de Gestão e Contas de Gerência 2020 em:

<https://www.jf-avenidasnovas.pt/informacoes/#documentosdegestao>



COMPRAS NA RUA

Feira D'Ávila e Mercado no Bairro: pontos de encontro de clientes e de amigos

Numa das artérias da Freguesia mais percorridas a pé, entre a Av. da República e o Arco do Cego, todas as semanas encontra uma feira com comércio a retalho que faz lembrar os mercados de levante de outra. Já o Campo Pequeno e o Bairro Azul recebem o Mercado no Bairro.

Isabel Santana não perde uma feira. “Normalmente, venho à sexta, mas desta vez deu-me mais jeito vir hoje [quinta]”, conta a moradora, que reside junto ao Campo Pequeno, mas que gosta “de andar um bocadinho a pé”. Já conhece os cantos à casa. “Compro sempre enchidos, queijo e alguma fruta”, conta. Hoje leva cerejas. Escuras, carnudas, bonitas. “É o tempo delas e é a minha perdição. Não é uma fruta barata, mas adoro”, diz, enquanto conversa

connosco e se detém na banca do mel.

A Feira D'Ávila já é um clássico das Avenidas Novas. O final da semana traz sempre esta feira ao ar livre à Avenida Duque d'Ávila, apresentando grande variedade de produtos, desde a gastronomia às antiguidades, passando pelo vestuário, a bijuteria ou a cerâmica, entre muitos outros. A Avenida Duque d'Ávila é um bom exemplo da transformação positiva que a cidade está a sofrer, com mais espaço para as famílias passearem, para os modos suaves de transporte circularem e para a realização de eventos deste tipo, que são um elemento importante da consolidação de um espírito comunitário e inclusivo que queremos para a nossa Freguesia.

O mesmo acontece com o Mercado no Bairro, que anima regularmente o Campo Pequeno e o Bairro Azul. Dispõe de artesanato, produtos manufaturados ou gourmet, design ou moda, muitos dos quais de produção nacional. “Uma das melhores formas de conhecer um bairro é calcorrear as suas ruas, cumprimentar aqueles com quem nos cruzamos e comprar nos seus mercados.” - é assim que o Mercado no Bairro se apresenta.



A VOZ DA VIZINHA

Maria Alina Fernandes*

Uma Longa Vida de Trabalho

Vim habituada a todo o trabalho lá na província. Fiquei sem mãe aos nove anos, mas cá me governei. Sou de Alcaria, uma aldeia da Freguesia de Pombeiros, Concelho de Arganil e Distrito de Coimbra. Todos os anos lá vou. Tenho lá uma casita que era dos meus pais. Lá lhe demos um jeitinho à nossa maneira e dentro das nossas posses. Este ano é que não fomos lá, claro, por causa da pandemia.

Vivo em Lisboa há 50 anos e moro aqui nas Avenidas Novas, na Rua da Cruz Vermelha. Vendi na Marquês de Tomar durante 13 anos. A minha vida lá era uma barraquinha coberta com uma folha de zinco, mas vendia-se muito bem. À hora de almoço, o pessoal que trabalhava ali comprava pão e queijo, porque muita gente evita comer fora. Vendia muito mais na Marquês de Tomar do que aqui. Nem tem comparação. De lá, eu e os meus colegas viemos aqui para o Mercado do Bairro Santos. Deram-nos praças a escolher - eu escolhi esta porque era mais perto de casa. Inicialmente, vinha e ia a pé em 15 minutos.

Estou cá há 28 anos. Lá dentro tinha um balcão frigorífico, que dava serviço pelo lado direito e pelo lado esquerdo. Ao princípio, tinha muitos clientes e éramos três pessoas a trabalhar. Depois foi diminuindo, diminuindo, e fiquei só com uma rapariga ao sábado. Agora, aqui ao sábado está cá um filho meu comigo a partir das nove.

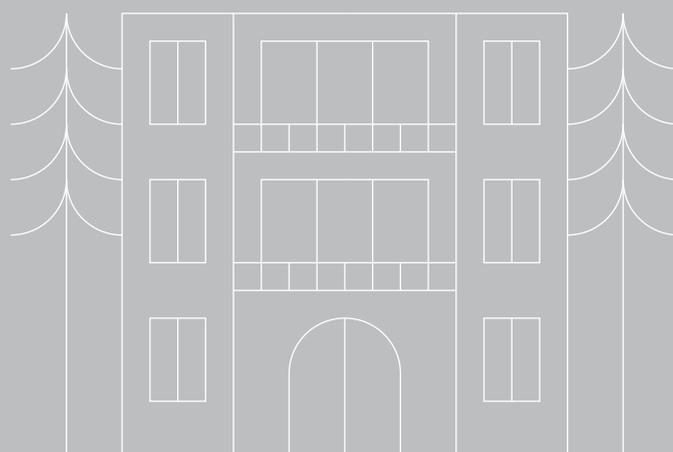
Estivemos no mercado antigo até à última, era a máquina a demolir e a gente a tirar as coisas. E eu fui para uma loja do primeiro piso. Estivemos lá em cima quase um ano. Quem nos pôs cá em baixo foi a presidente da Junta, que diz que estes produtos alimentares estavam ali muito escondidos. Ela e aquele rapazinho que morreu, o Dr. Ricardo [assessor do Espaço Público], foram nossos amigos. A gente não podia sobreviver ali. Tinha dias de fazer 20 euros. Se não tivesse vindo cá para baixo, já me tinha ido embora. Mas como moro aqui perto, ainda tenho pena disto. Porque o nosso trabalho faz-se aos bocados, faz-se de noite e tudo. A idade não ajuda, já tenho 74 anos! Mas ficar metida em casa...
Eu gosto de trabalhar. Converso muito com os clientes, mas sempre dentro do respeito. Só não os trato melhor porque não posso. Quem nos dá o seu

dinheiro é uma pessoa amiga. Os dias em que se vende mais é à sexta e ao sábado, quando o pessoal que trabalha aqui ao pé quer levar umas coisitas para o fim de semana. Mas notei uma grande diferença por causa da pandemia. Até as fábricas estão a produzir menos. Ao domingo, ainda faço a feira das Galinheiras. Aquilo é 200 euros por mês, mas agora diminuíram para metade, enquanto isto estiver assim. Levo umas coisitas daqui no carro e vendo lá o pão que o fornecedor me traz. Essa feirita também me ajuda.

Tenho um filho casado que mora em Oeiras e que gostava de morar aqui ao pé da gente, mas não tem dinheiro para isso. Mas junto à minha rua, anda lá uma construção de prédios que é uma loucura. São casas de arrendamento mais em conta. E também estão a começar a construir onde era a Feira Popular, mas encontraram lá qualquer coisa debaixo do chão. Estiveram lá muitos antigos e agora, naquele setor, está tudo parado.

O Bairro Santos está melhor do que era antigamente. E eu gosto muito deste cantinho. Já não vou para mais lado nenhum. Daqui, só vou para o cemitério da minha terra, que é para lá que quero ir. Estou bem aqui, gosto do meu lugarzinho. É pequenino, tem de tudo um pouco e tenho clientes respeitadores. Enquanto Deus me deixar cá estar... Em não querendo, nada a fazer.

** Vendedora na Charcutaria Flor do Mercado, no Mercado do Bairro Santos*



LOJAS DE BAIRRO

O sorriso da Dona Aida



“Bem-haja!” A palavra, colocada logo à entrada da porta, num prédio entre a Rua Padre António Vieira e a Rodrigo da Fonseca, no Alto do Parque, convida a entrar. Tanto como as cores vivas das frutas e hortícolas, o aroma a queijos e enchidos ou o sorriso rasgado da Dona Aida.

“Dona Aida, quero levar uns moranguinhos, que estão com ótimo aspeto”. “Dona Aida, a minha mãe pediu para levar 250 gramas de fiambre, que depois vem cá pagar”. “Dona Aida, tem pão alentejano?”. Dona Aida diz que sim. Sempre com um sorriso, que são essas as regras da casa. “Todos os clientes aqui são como amigos: recebemo-los com um sorriso e com produtos da máxima qualidade”, conta Aida Guedes, que há sete anos está à frente da Mercearia Santa Cruz das Avenidas Novas. A história, porém, começa muito mais cedo, em 1938, na Rua de Artilharia 1.

“Estamos neste negócio há 24 anos. O meu marido começou a trabalhar na outra loja e depois o senhor Dias, quando se reformou, convidou-o a ficar com o trespasse. E assim foi, pedimos ajuda à família e ficámos com a loja. Depois, há sete anos,

abrimos esta”, conta Aida, enquanto vai atendendo os clientes, que revelam sempre uma proximidade grande com a proprietária.

“Sim, há uma relação de grande cumplicidade. Estou aqui todos os dias, das oito às oito, e é natural que as relações já sejam de amizade. Temos visto os filhos do bairro a nascer e eles agora já vêm cá. Conheço todos pelo nome”, diz, orgulhosa, enquanto pesa morangos e um saco de tomates coração de boi. “Já viu como são lindos?”, pergunta. Confirmamos.

Aida Guedes explica que o segredo do sucesso da mercearia Santa Cruz não é só a proximidade. “Temos uma grande frescura e qualidade da fruta e legumes, que vêm de fornecedores em quem confiamos há muitos anos, mas procuramos também ter bom vinho, pão a sério, bons queijos e tudo aquilo que os nossos clientes nos pedem.”

O ano passado foi uma provação para Aida e o marido. “Somos muito cuidadosos com a pandemia. Eu já usava máscara antes de ser obrigatório e até havia clientes que brincavam com isso”, recorda. “Estivemos fechados um mês e, quando reabrimos, foi difícil.” Mas, aos poucos, tudo foi voltando ao normal. As duas lojas reabriram, os clientes voltaram e os sorrisos também.



JUNTA APOIA RESTAURAÇÃO

Brunch das Avenidas é mais uma iniciativa de promoção do comércio local

Uma das riquezas das Avenidas Novas é a variedade do comércio. Durante a pandemia, grande parte destes negócios sofreram quebras de faturação próximas dos 100%. A Junta de Freguesia pôs em prática formas de os apoiar.

O “Brunch das Avenidas”, na sequência dos “Sabores das Avenidas”, é a mais recente iniciativa da Junta para apoiar a restauração. A par da isenção das taxas de ocupação do espaço público, prolongada até ao final de 2021, da criação de novas áreas para esplanadas na via pública - para compensar a redução da lotação interior - e da promoção do comércio local, a Junta de Freguesia promove agora os restaurantes e cafés que servem brunch. Esta refeição, que junta o pequeno-almoço e o almoço,

foi adotada pelas novas gerações como um hábito de convívio, sobretudo ao fim de semana.

São mais de 20 estabelecimentos aderentes, cuja lista pode encontrar no site da Junta de Freguesia. Servem, normalmente entre as 11h00 e as 16h00 do fim de semana, refeições ligeiras mas variadas. O Choupana Caffé, na Avenida da República, é um dos mais afamados. “Tem sido uma ajuda muito importante nestes tempos difíceis”, conta Marli Santos, uma das responsáveis do espaço. “A pandemia complicou a vida a toda a gente. Nós fechámos a 14 de março do ano passado e só voltámos a abrir a 6 de abril, apenas para take-away e entrega ao domicílio. Foi uma brutalidade! Tivemos uma quebra na faturação de 95%, para não dizer 100%”, conta-nos. “Só quando as pessoas começaram a ter conhecimento de que entregávamos em casa, é que a procura aumentou.” Lembra, por exemplo, os descontos feitos por um fornecedor no período em que estiveram fechados, mas também a isenção de taxas promovida pela Junta de Freguesia: “Tudo o que seja para nos reduzir custos é um grande auxílio. Sou eu que trato de pedir as licenças e disse ao meu patrão ‘Impecável, a Junta. É menos um custo que temos.’”



PROGRAMA DE VERÃO E CAF

Crianças ativas e divertidas... e pais descansados

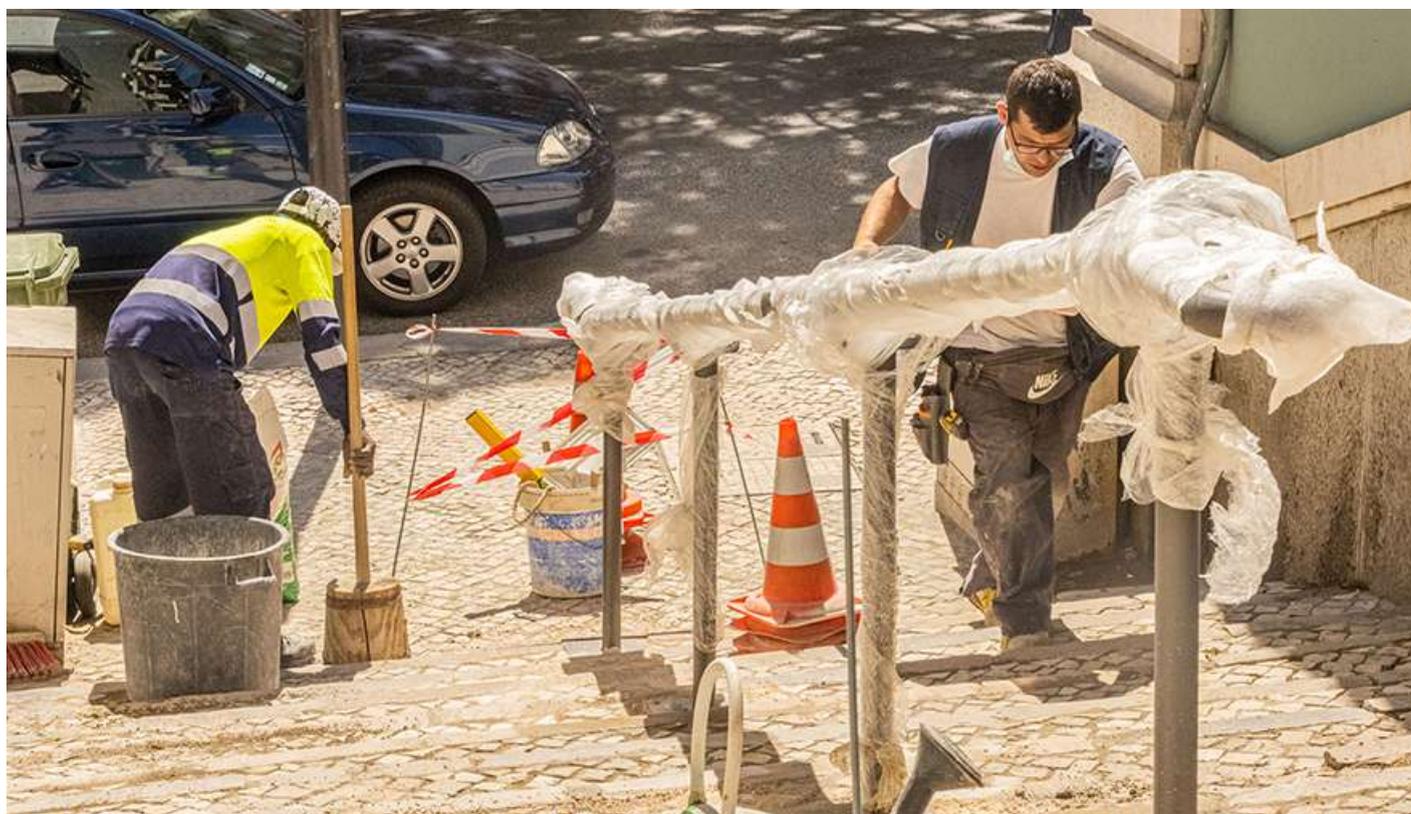
Com a consciência de que muitas famílias não têm a possibilidade de ir de férias nesta altura, a Junta de Freguesia quis apoiá-las, cuidando diariamente das suas crianças.

Este verão, a Junta de Freguesia de Avenidas Novas prolongou a Componente de Apoio à Família (CAF) até ao final de agosto. A escola Mestre Arnaldo Louro de Almeida acolheu os seus alunos, bem como os da EB São Sebastião da Pedreira, a fim de desenvolverem atividades estimulantes, de segunda a sexta, das 8h00 às 19h00. Foi assim possível aliviar o esforço das famílias que não tiveram férias neste período, com a garantia de que deixavam as suas crianças em boas mãos. Como não podia deixar de ser, no mesmo período realizaram-se Atividades de Animação e de Apoio à Família para os alunos do pré-escolar. Com o

objetivo de prevenir a segurança de todos, as crianças foram agrupadas em “bolhas”, a fim de restringir os contactos apenas ao seu grupo.

A segurança é igualmente uma prioridade no Programa de Verão - os monitores foram testados no início de cada semana. As atividades de ar livre regressaram, com turnos semanais, para crianças dos 6 aos 12 anos. De 12 de julho a 20 de agosto, as famílias da Freguesia puderam contar com a Junta, que assegurou as condições para os jovens usufruírem de atividades divertidas e fazerem novas amizades, num período que tem afetado muito os mais novos no seu desenvolvimento emocional.

A este propósito, a presidente Ana Gaspar sublinhou: “Mesmo em tempo de pandemia, as crianças têm de viver a sua infância e os adultos têm de estar despreocupados. É para isso que estamos cá, com as equipas da Intervenção Social, do Desporto e da Academia Sénior.”



APOIO AOS SENIORES

A pensar nos mais velhos

O respeito pelos mais velhos, o conhecimento das suas necessidades e vulnerabilidades, assim como do seu potencial, têm sido fatores essenciais no seu apoio.

Se a idade pesa na vida diária, a chegada da pandemia veio dificultar ainda mais o quotidiano dos nossos seniores. Em articulação com a Câmara Municipal de Lisboa, com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) e com outras entidades e organizações locais, a Junta de Freguesia de Avenidas Novas identificou os casos mais problemáticos, incluindo o isolamento e a solidão, a pobreza discreta e a mobilidade reduzida. Através da linha Resposta Rápida, acionada pela Junta logo no início do confinamento, bem como da linha de apoio social da autarquia, e de programas comunitários como o Projeto Radar da SCML - que, em cooperação com o Município, a Junta e a PSP, assinala situações de vulnerabilidade da população com mais de 65 anos e ativa recursos

locais de apoio -, foram reunidos os dados para definir um plano de apoio solidário aos mais idosos. Da entrega de refeições gratuitas à compra de bens de primeira necessidade, passando pela divulgação de conselhos da Ordem dos Psicólogos, pela execução de vídeos de exercícios para seniores ou pelas sugestões culturais online, a Junta fez tudo o que estava ao seu alcance para aliviar as pressões do confinamento na população mais idosa.

Também no espaço público a Junta de Freguesia melhorou as condições para os mais velhos. Realizámos, entre outras intervenções, a substituição dos malogrados “frades” por pilaretes, a reparação e instalação de bancos, a regular reparação dos passeios e a instalação de corrimãos em escadas.

Mas era igualmente necessário alimentar o espírito e, não obstante o encerramento da Academia Sénior das Avenidas Novas, as aulas online de Relações Humanas mantiveram os alunos em contacto uns com os outros e com matérias estimulantes, incluindo atividades artísticas em colaboração com a Fundação C. Gulbenkian, que fomentaram o autoconhecimento e a descoberta de novas perspetivas para enfrentar a pandemia.



ENTREVISTA A MARIA ELISA

“Temos de continuar a pensar na cidade para os mais velhos”

Aos 70 anos, continua a trabalhar arduamente, embora tenha deixado a televisão há uma década. Continua a respirar jornalismo, a dedicar-se à Saúde e a preocupar-se com os mais velhos. Lisboa com “costela” alentejana e a residir nas Avenidas Novas há quase 15 anos, Maria Elisa Domingues adora a vida de bairro e os afetos que essa proximidade gera.

Entrevista: Nuno Azinheira

O que é feito de si?

Estou a escrever livros. Tenho tido, felizmente, muito trabalho. O último que publiquei foi a história dos 40 anos do Serviço Nacional de Saúde. Deu-me muito trabalho, obrigou-me a viajar de Norte a Sul do país, a visitar hospitais e centros de

saúde, a conversar com gente do país inteiro. Entretanto, convidaram-me para escrever uma obra sobre a história da Medicina Interna em Portugal, o que é também um campo muito vasto.

Fazer dois livros dessa envergadura sobre saúde num ano como este que temos estado a viver não deve ser coisa fácil...

Tem sido muito difícil, desde logo por não poder visitar os sítios da mesma forma livre como visitei para o livro anterior. Há muitas restrições a entrar nos hospitais, a falar com pessoas. Ou porque um profissional está com covid e é preciso esperar, ou porque as visitas estão canceladas...

São tempos estranhos, estes...

Muito estranhos, mais ainda porque eu tenho vivido isto no dia a dia. O impacto nas nossas vidas é brutal. Dou-lhe um exemplo: o meu marido, que é americano, foi para os Estados Unidos, por razões profissionais, uns dias antes de ser decretado o confinamento em Portugal. Início de março de 2020. Não o vejo desde então. E estamos em maio de 2021. Nem quando namorávamos tínhamos estado separados mais de dois meses. Talvez três, no máximo.

A Maria Elisa está a preparar esse reencontro, certo?

Sim, estou a precisar de me afastar disto. Estou a precisar de um corte, de me afastar dos livros, das doenças. O meu marido, depois de reformado, mudou-se para a Pensilvânia, onde cresceu. É um estado sobretudo rural, muito bonito. É um sossego total, nem tens de pensar em máscara, porque ele vive no meio do campo e, quando se passeia, o mais que se encontra são esquilos no verão e veados no inverno. Estou mesmo a precisar de mudar o disco rígido, e ficar lá por um ou dois meses e não ouvir falar de doenças.

É hipocondríaca?

Não, nada. O meu pai era, mas eu não sou. Sou muito cuidadosa. Estive completamente confinada, como todas as pessoas, de resto, sem ninguém em casa, nem mulher a dias. Rigorosamente nada. Mas eu sou muito racional, racionalizo tudo.

Além do trabalho, como se habituou à ocupação dos seus dias, confinada?

Olhe, vi muita televisão, coisa que não era tão habitual. Vi muitos programas da manhã e da tarde e percebi como eles são, de facto, uma grande companhia para as pessoas.

E do ponto de vista jornalístico, como é que viu a cobertura da pandemia? Normal, excessiva?

Conheço muita gente que diz que não pode mais com notícias da pandemia, e que é tudo um excesso. Eu, francamente, não acho, mas admito que seja defeito de formação. Obviamente, não pode deixar de haver todos os dias notícias sobre a covid-19. Foi algo que mudou por completo as nossas vidas.

Portanto, não alinha na generalidade das críticas?

Não, embora concorde que a falta de conhecimento sobre a pandemia de quase toda a gente fez com que, muitas vezes, fossem entrevistados nas televisões, nas rádios e nos jornais, pessoas que, manifestamente, não eram especialistas.

Sentiu vontade de estar no ativo na televisão durante esta fase crítica da pandemia?

Eu não sou muito saudosista. Claro que, em casa, surgem-me sempre perguntas pertinentes que, às vezes, os meus colegas não fazem. Mas isso é normal. Acho, genericamente, que a informação

tem qualidade. Vejo, sobretudo, a SIC, que é a estação que mais me agrada.

No início da pandemia, os pivôs procuraram um tom mais pedagógico, mais inspirador, diferente do que era habitual vermos.

Sim, e eu aplaudo isso. Acho que foi muito importante. A SIC fez muito isso. Por exemplo, o Rodrigo Guedes de Carvalho assumiu esse tom e gostei. “Ah, porque não é o papel do jornalista”, diziam uns quantos. É, é o papel dos jornalistas, sim, em momentos de grande tensão. Quem tem a atenção da maior parte das pessoas tem a obrigação de levantar a moral às tropas. E o Rodrigo fez isso bem.

Portanto, se hoje tivesse responsabilidades na direção editorial de uma redação...

... promoveria mais a investigação e, sobretudo, não deixava cair denúncias e reportagens que muito justamente se fazem atualmente. Andaríamos mais atrás de inquéritos. É que hoje o jornalismo faz uma denúncia, o poder político abre um inquérito, mas nunca mais ninguém sabe de nada. É preciso ir atrás dessas histórias, porque em Portugal a culpa morre quase sempre solteira. E no máximo quer-se a cabeça do ministro. Parece que fica tudo contente com isso. Põe-se o ministro na rua e toda a gente fica satisfeita. Como se isso, na maior parte dos casos, mudasse procedimentos. Não muda. E a culpa também é muito do jornalismo, que se demite dessa função.

Também na saúde?

Sim, também na saúde. Há uma coisa que, felizmente, se destapou um bocadinho durante a pandemia, que é a miséria escondida que são os lares de terceira idade. Mas ainda há muito por mostrar. Há muita miséria por aí e as pessoas não querem ver. Porque as pessoas têm medo da morte e não se querem confrontar com o fim e com aquilo que lhes pode acontecer. Há muitos lares que são autênticos depósitos, em que os velhos são depositados. Por isso, apesar de tudo, foi bom que a pandemia tenha feito os jornalistas e as autoridades olharem mais para esta realidade.

Este país não é para velhos?

Este país não é para velhos. E vamos ter a população mais envelhecida da Europa daqui a muito pouco tempo.



Preocupa-se com o seu envelhecimento?

Muito. Não em termos estéticos, nada disso. Mas em termos de autonomia, preocupo-me. Não quero depender de ninguém. Por isso, é necessária a prevenção. Mas durante esta pandemia isso não foi possível. No meu caso e no de todos. Atuamos muito no lado da doença e pouco no lado da prevenção.

No início da pandemia, achávamos que ia ficar tudo bem. E que no final de tudo isto, íamos ficar mais próximos, mais preocupados com os outros, mais solidários.

[Franze o sobrolho] Receio bem que não. Receio que, assim que tudo volte à normalidade, as pessoas passem a tratar-se com a mesma indiferença e o mesmo egoísmo. A condição humana é assim mesmo.

Voltemos à televisão. Foi a Maria Elisa que se esqueceu da televisão ou foi a televisão que se esqueceu de si?

[longa pausa] Não sei. Palavra que nunca penso nisso. Nunca. O meu último programa foi há dez anos [“Serviço de Saúde”, RTP].

Quando saiu da televisão, tinha 60 anos. Que é uma idade normal para uma jornalista sénior

mostrar a sua credibilidade e experiência na televisão. Lá fora, aliás, até se valoriza muito isso...

Pois, é verdade. Na altura percebi a conjuntura. Houve um diretor que, embora me dissesse que gostava muito de mim, não gostava, ou tinha ordens para eu não aparecer. Na RTP havia sempre uma envolvente política muito forte. Fui várias vezes demitida de cargos ouvindo sempre os maiores elogios. Sempre fui incómoda. Portanto, ao fim de uns meses sem fazer nada, por terem acabado com o programa, quando me propuseram sair por comum acordo, eu aceitei logo. Sou incapaz de estar num sítio sem fazer nada e a ganhar um ordenado. Acho indigno, a não ser que a pessoa precise daquele ordenado para comer e não tenha alternativas.

E de lá para cá, não ponderou voltar à televisão? Não houve ninguém que a sondasse?

Já me convidaram, já me sondaram. Mas nunca se proporcionou. É curioso, aliás, que a RTP me convidou para fazer uma colaboração regular semanal... mas achavam que era de graça.

Aos 70 anos, quando olha para trás e para a sua carreira, o que vê?

Acho que foi uma carreira interessante. Fiz muita coisa pela primeira vez e isso, para mim, é motivo de orgulho. Desbravei muito caminho para as mulheres na televisão. A todos os níveis, inclusivamente para lugares de chefia, que era uma coisa para a qual as mulheres pareciam vetadas. Acho que fiz programas com qualidade. Estudava muito, era uma coisa comentada. Tenho orgulho nisso.

Não sente nem um pouco de nostalgia?

Muito pouca. Sou mais nostálgica em relação às coisas pessoais, às pessoas que perdi. E foram muitas. Um dos meus melhores amigos morreu ao meu lado com quarenta e poucos anos. Perdi muitos, muitos amigos. O Mário Bettencourt Resendes, o Vítor Cunha Rego, enfim posso fazer uma lista. E todos muito novos. O Carlos Daniel, ator, é uma das pessoas de quem mais me lembro. Todas as noites falávamos por volta das duas da manhã. Fui muito tocada pela morte à minha volta desde muito cedo.

Isso moldou-a de que forma, enquanto mulher?

Espero que não me tenha tornado mais dura. Há aquela teoria de que enquanto as pessoas viverem

no nosso coração, elas permanecerão vivas. Eu sou muito próxima das pessoas que perdi. Penso muito nelas.

É crente?

[pausa] Sou.

Acredita que em algum momento vai reencontrar essas pessoas?

Quero acreditar. É a parte em que tenho mais dificuldade, admito.

Disse há pouco que sempre foi incómoda. As pessoas não levaram a bem ter entrado na política?

Não sei. Eu estive na política durante dois anos [foi deputada eleita pelo círculo de Castelo Branco], e até terminou antes do tempo previsto e que não foi propriamente o que eu esperava. Foi no PSD, porque eu politicamente sou social-democrata. Posso votar PS, claro, porque eu acho que o PS está nesse campo vasto da social-democracia europeia.

A Maria Elisa é lisboeta e mora em Lisboa há muitos anos...

Nasci cá, mas fui criada no Alentejo. O meu pai era engenheiro geógrafo e nós corremos o Alentejo todo. Estive em Estremoz, Arraiolos, Castelo de Vide, Mora. Até aos dez anos foi lá a minha vida. Vim para Lisboa para entrar no liceu. Em Portugal vivi sempre no centro de Lisboa. Em Alvalade, vinte anos. Artilharia 1, dez anos e António Augusto de Aguiar, onde vivo agora, há 14 anos. E antes disso, ainda passei pela Alameda, com os meus pais.

Como tem visto o crescimento e o desenvolvimento de Lisboa?

É uma cidade muito agradável para viver. É claro que Lisboa cresceu muito e toda a gente sabe que tem um défice de transportes públicos, sobretudo porque tem um casco envolvente de subúrbios-dormitório brutal. E que exportam para a cidade milhares de pessoas por dia. Os transportes públicos não deviam ser financiados apenas pela Câmara de Lisboa, mas também pelas autarquias limítrofes, que afogam a cidade. Seria justo. O que é certo é que todos conhecemos pessoas que gastam duas horas de transporte de manhã para chegar ao trabalho e duas horas ao fim do dia para

regressar a casa e isso é inaceitável.

E para quem vive no centro de Lisboa, como é o seu caso?

Acho que para quem tem a sorte de viver no centro da cidade, a vida é muito agradável, porque a cidade se tornou agradável para os seus residentes. Há sempre muita coisa a acontecer, há comércio, atividades culturais. E ainda há relações de proximidade que se mantêm. Para os mais velhos que não vivem no grande centro ou que vivem em casas degradadas, é mais difícil. Alguns vivem em condições desumanas.

Gosta da vida de bairro que ainda é possível encontrar numa capital como Lisboa?

Adoro. A cidade não é nada impessoal, como muita gente julga. Eu continuo a comprar carne no mesmo talho, a ir à mesma lavandaria, a comprar fruta nos mesmos sítios, a ir aos mesmos supermercados pequenos. Vou muito a um supermercado biológico aqui no nosso bairro das Avenidas Novas. E toda a gente sabe o meu nome e eu sei o nome dos empregados. Eu só gosto de viver assim. Gosto de conhecer as pessoas, gosto de conhecer o vendedor ambulante que está todos os dias naquele sítio e que não me engana. E eu pergunto-lhe “posso levar isto?” e ele responde-me “não, hoje não leve”.

Dizia-me há pouco que estava zangada com as bicicletas [risos]...

Estou muito zangada, sim. Não é com as bicicletas em si, que são inevitáveis, que são uma tendência em muitas capitais internacionais, mas a minha irritação é mais com a falta de civismo de muitos ciclistas. Sinceramente, acho que falta formação pedagógica para os ciclistas. Nunca percebo se eles podem atravessar nos sinais que são para os peões ou para os carros. Eles utilizam todos. Quer eu seja peão, quer esteja a guiar o meu carro, nunca sei qual a regra. Sinto-me sempre em perigo. E outra coisa: é preciso ter em atenção os mais velhos. A cidade não pode ser uma cidade só para jovens, embora eu perceba que seja mais apelativo. Aqui no centro os passeios são mais largos, mais planos, e isso facilita a vida dos mais velhos, mas há zonas de Lisboa em que isso não existe. A cidade sénior tem de ser também pensada.

NOVAS DAS AVENIDAS

Subscreva a newsletter semanal da sua Junta de Freguesia em:

jf-avenidasnovas.pt > **Contactos** > **Newsletter**



CENSOS 2021: RESULTADOS PRELIMINARES DISPONÍVEIS

Os primeiros resultados dos Censos 2021 já estão disponíveis. Sabia que a população residente em Portugal é de 10 397 892, menos 2% que em 2011? De acordo com o site do INE, onde pode conhecer os resultados, “os Censos produzem informação essencial para o desenvolvimento económico e social, constituindo-se como instrumentos indispensáveis ao planeamento informado dos serviços e à definição de políticas, nas mais variadas áreas.”



ESPAÇO CIDADÃO DAS AVENIDAS NOVAS

O Espaço Cidadão dá-lhe acesso a vários serviços de diferentes entidades num único balcão. Todos estes serviços estão disponíveis online a partir de casa, tendo a sua chave móvel digital. No entanto, caso encontre dificuldades no acesso e na utilização dos serviços públicos digitais, neste posto receberá o apoio necessário.

Mercado do Bairro Santos - piso 1

Dias úteis, 9h30 - 16h30

Atendimento apenas com marcação: 912 895 871



EXPOSIÇÃO VIRTUAL “A ARTE NA MUDANÇA”

56 obras dos alunos de Relações Humanas da Academia Sénior, produzidas com materiais disponíveis em casa, foram reunidas numa exposição virtual sobre as dimensões estética, emocional e intelectual dos processos de mudança experimentados durante a pandemia. A disciplina de Relações Humanas integra o Projeto Entre Vizinhos, parceria da Junta de Freguesia com o Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian. Aceda à exposição no site da Junta.



GABINETES DE ENFERMAGEM

A Junta de Freguesia põe à sua disposição dois gabinetes de enfermagem que prestam, entre outros, os seguintes cuidados de saúde: consulta de enfermagem; realização de pensos; administração de injetáveis; avaliação de tensão arterial; e avaliação de glicemia capilar.

Mercado do Bairro Santos, piso 1 (Segundas e sextas, 16h00 - 18h00)

Av. Marquês de Tomar 106A (Quartas, 16h00 - 18h00)

Marcações: dias úteis, 10h30 - 12h30. Telef.: 932 242 149

CONTACTOS ÚTEIS

Escolas

Escola EB1/JI Mestre Arnaldo Louro de Almeida
Praça Nuno Gonçalves
217 960 352
Email: eb1mestrearnaldolourodealmeida@gmail.com

Escola EB1 S. Sebastião da Pedreira
Rua Doutor Júlio Dantas
(instalações da EB Marquesa de Alorna)
967 472 707
Email: eb1sebastiaodapedreira@gmail.com

Escola Secundária D. Pedro V
Estrada das Laranjeiras 122
217 246 060
Email: direcao@ael.edu.pt

Escola Sec. Maria Amália Vaz de Carvalho
Rua Rodrigo da Fonseca 115
213 841 910/8
Email: esmavc@mail.telepac.pt

Agrupamento de Escolas Marquesa de Alorna
Rua Doutor Júlio Dantas
213 870 992/3
Email: agrupamentomarquesaalorna@gmail.com

Desporto

Pavilhão Desportivo das Avenidas Novas
Rua Sousa Lopes
912 583 417
Email: pavilhao@jf-avenidasnovas.pt

Polidesportivo das Avenidas Novas
Rua Filipe da Mata
910 530 502
Email: pavilhao@jf-avenidasnovas.pt

Piscina das Avenidas Novas
Rua Cardeal Mercier
219 363 086
Email: piscina@jf-avenidasnovas.pt

Ginásio das Avenidas Novas
Rua Cardeal Mercier
219 363 086
Email: ginasio@jf-avenidasnovas.pt

Animais domésticos

Associação Zoófila Portuguesa
Av. Luís Bivar 85C
217 970 827



Saúde

Maternidade Dr. Alfredo da Costa
Rua Viriato 1
213 184 000

Hospital Curry Cabral
Rua da Beneficência 8
217 924 200
Email: cadm@hccabral.min-saude.pt

Centro de Saúde de Sete Rios
Largo Prof. Arnaldo Sampaio
217 211 800

Segurança

Bombeiros Sapadores de Lisboa
808 215 215

Polícia de Segurança Pública
217 654 242

Serviços

CTT Correios
▪ Av. 5 de Outubro 158
▪ Av. António Augusto Aguiar (El Corte Inglés)
▪ Rua Filipe Folque 10 G
707 262 626
reclamacoes@ctt.pt

IEFP - Centro de Emprego de Picoas
Av. 5 de Outubro 24
213 566 900
Email: cte.picoas@iefp.pt

Rádio Táxis de Lisboa
218 119 000
Email: geral@retalis.pt

Repartição de Finanças
Av. Fontes Pereira de Melo 30 B
213 584 340
Email: sf32552at.gov.pt

Segurança Social
Av. 5 de Outubro 175
300 502 502

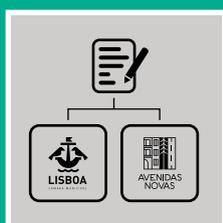
Centro Nacional de Pensões
Av. 5 de Outubro 175
300 510 851

Farmácias de Serviço
Aceda através deste QR Code:



PROBLEMAS NO ESPAÇO PÚBLICO?

SAIBA COMO PROCEDER PARA COMUNICAR
SITUAÇÕES QUE NECESSITEM DA ATENÇÃO
DA CÂMARA OU DA JUNTA



Divisão de competências

Compete a todos os cidadãos preservar o espaço público. Para a resolução de problemas, há competências próprias da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia.

www.jf-avenidasnovas.pt/ocorrencias



Como reportar uma ocorrência

Reporte a ocorrência no portal **NA MINHA RUA LX**.
A questão será encaminhada para a entidade responsável.
Através do portal, poderá acompanhar todo o processo.
Em alternativa, contacte diretamente a **CML** ou a **JFAN**.



PORTAL / APP
NA MINHA RUA LX



naminharualx.cm-lisboa.pt



Disponível na
App Store

DISPONÍVEL NO
Google Play



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL



808 20 32 32 · 218 17 05 52



Presencialmente
Loja de Atendimento Municipal



**AVENIDAS
NOVAS**



jf-avenidasnovas.pt/ocorrencias



ocorrencias@jf-avenidasnovas.pt



219 363 060



facebook (JFAvenidasNovas)



Presencialmente
Sede — Avenida de Berna 1